

Radioconto, radiorromance, radiopoesia: o rádio educativo

ANTONIO ADAMI

ANTONIO ADAMI

é doutor pela Universidade de São Paulo, coordenador do Mestrado em Comunicação da Universidade Paulista e prêmio APCA 2001 com o projeto "Personagem Procura Radioator" da Cultura FM e Senac, onde dirigiu oito adaptações de contos de Machado de Assis para o rádio.

O conceito de adaptação é limitado e dificilmente dará conta de todas as possibilidades e variáveis que podem ser contadas a partir de uma história original. Experimentar uma obra literária em uma outra linguagem, diferente daquela em que foi concebida originalmente, é sempre uma aventura, uma experiência, que pode ou não estar à altura do texto original pois trata-se de recontar a história e, por ser

um outro suporte, por exemplo, da literatura para o rádio, exige do adaptador conhecimento das especificidades tanto do novo veículo como da própria literatura e, especialmente, do autor e obra que será adaptada, principalmente para se auto-impor limites, pois nem tudo do texto literário pode sofrer fragmentações e rupturas.

Podemos produzir uma adaptação, respeitando o tempo, espaço, personagens, etc.; também podemos produzir uma adaptação a partir de uma parte da trama central e não toda ela ou ainda a partir de uma trama paralela do texto de partida, obviamente se esta der conta de uma adaptação; podemos ainda fragmentar e romper com o original, quase não deixando vestígios da obra, mas é indispensável que nos atenhamos à obra original e suas possibilidades, principalmente as contradições que oferece; entretanto, acredito que adaptar é essencialmente manter a espinha dorsal do texto de partida, caso contrário não podemos dizer que seja uma adaptação, mas sim um texto baseado ou ainda inspirado em.

Uma grande obra, sem dúvida, é aquela que possui contradições. Como ouvintes o que buscamos é a percepção dessas contradições mais próximas de nós, através do ritmo, do som, do sonho, juntando-se ao nosso próprio referencial. Segundo Noriega (2000), podemos definir uma adaptação assim:

“Globalmente podemos definir como adaptación el proceso por el que un relato, la narración de una historia, expresado en forma de texto literario, deviene, mediante sucesivas transformaciones en la estructura (enunciación,

80 anos de rádio

organización, y vertebración temporal), en el contenido narrativo y en la puesta en imágenes (supresiones, compresiones, añadidos, desarrollos, descripciones visuales, dialoguizaciones, sumarios, unificaciones o sustituciones), en otro relato muy similar expresado en forma de texto”.

Ao se adaptar uma obra literária seria interessante que não se trabalhasse apenas as paixões íntimas e confessionais do adaptador enquanto personagem/narrador da história, mas aquilo que pode interessar de alguma maneira à sociedade e ao público que vai ouvir a peça. No rádio, o som exercita a imaginação do ouvinte. A interpretação dos radioatores mais os elementos sonoros incorporados tornam-se um todo que pode enaltecer tanto a obra original como sua nova construção. Ángel Ortiz e Volpini (1995) relatam que a voz é o veículo próprio para a informação, o prazer de ouvir, estruturada como linguagem. Deve ser, dentro do possível, clara, distinta, em bom tom e timbre e, principalmente, inteligível. O ouvinte deve entender o que se diz. Na verdade, a palavra radiodramatizada segue uma melodia própria, uma harmonia e um ritmo que liga todos os elementos do radiodrama: o ritmo das pausas, o ritmo melódico, o ritmo harmônico.

A “melodia da palavra radiofônica” expressa a dramatização da realidade, da realidade espetacular que o rádio transmite ao ouvinte. A melodia descreve a realidade completa: a intenção de transmitir e ainda os movimentos afetivos. No rádio, especialmente, a palavra pode transmitir com a melodia uma grande afetividade. O valor épico e sentimental de palavras como, por exemplo, “liberdade”, adquire através do rádio um valor quase mágico.

Sobre a melodia, escreve Balsebre (2000):

“La melodia expresa también la noción de ‘continuidad’: la asociación sintagmático-asociativa entre las distintas partes del discurso temporal y secuencial radiofónico. En el código visual de la palabra radiofónica,

el ‘color’ denota la luminosidad, la distancia, la presencia, define la imagen estática, la imagen ‘fotográfica’. La melodía es, en cambio, la transición de un instante a otro de la secuencia sonora radiofónica, de un punto a otro en la descripción del paisaje sonoro de la radio, continuidad temporal y continuidad sintagmática”.

A compreensão da mensagem verbal também passa pela intenção com que se emite tal mensagem. Portanto, a voz cumpre também uma função emocional, ou seja, traduz sentimentos, sensações. Nesse momento, é mais importante o tom que a palavra assume. Certamente tudo o que se pode ler se pode, com um tratamento adequado, escutar no rádio. O resultado final de um processo de adaptação para o rádio dependerá sempre da intenção, dos matices, das pausas, até dos ruídos, dos radioatores em estúdio.

O grande interesse do público sempre foi ouvir e/ou ver uma boa história. No cinema e na TV as estratégias para isso se configuram em torno da imagem e do som. O roteiro (texto), a interpretação (ator) e a direção (diretor), posteriormente a trilha sonora (principal condutor narrativo de uma história), cenário, figurino, iluminação, etc. devem ser cuidadosamente sobrepostos e justapostos. No caso do rádio, especificamente, todos esses elementos terão que ser dispostos exclusivamente pelo som.

Sabemos que todo criador costuma ser possessivo com sua obra e são muito raras as adaptações que se constroem sem perda de alguma seiva do texto original. Mas, afinal, será que existem regras para termos uma adaptação que se sustente como tal e que ao mesmo tempo suscite o interesse do grande público? Este grande público precisa ser negligenciado?

Contar história é sempre mágico. Quando entramos nesse universo é para vivermos o mundo dos sonhos dos autores, seus e nossos anjos e demônios. As tramas vão se desenvolvendo e nos conduzindo em seus desdobramentos, os contratos concebidos e rompidos entre as personagens, e toda a sedução, a paixão engendrada pelo

autor na obra original, nos levará a uma cumplicidade e intimidade com o autor. Essas tramas poderão constar ou não de um novo universo reconstruído, dando-lhe mais características do autor e sua obra. Caso isso não ocorra podemos ter grandes decepções.

Podemos observar através da imagem sonora as possibilidades do texto verbal se transformando em imagem real, a partir dos diferentes sons. Os autores e suas obras adquirem nova vida, uma nova roupagem em um novo tempo e espaço. Adaptar é como reconstruir uma casa em um novo local. Monta-se a lareira, os vitrais, os lustres, a pintura e está lá a casa. Pode-se manter a originalidade ou torná-la um “Frankenstein”. É um exercício constante de reconstrução de imagens, a partir de sons, apenas pressupostas no texto de partida. É isso o que fascina, pois a literatura cria uma relação de cumplicidade muito grande com o leitor, que, dependendo de sua visão, cultura, informação, etc., pode chegar a um maior aprofundamento ou não no entendimento da obra. O radiodrama também possui essa especificidade, ou seja, a grande cumplicidade com o ouvinte.

No processo da adaptação, para chegarmos o mais próximo possível do autor, passamos por diversas fases e buscas. A busca da integração harmônico-radiofônica dos distintos elementos sonoros tem sido constante na história do radiodrama e foi objeto de estudos de muitos pesquisadores. Massimo Bontempelli, por exemplo, em 1934 se expressava assim:

“Quisiera hacer un drama em el cual, ante todo, la situación naciera exclusivamente de un sonido, ¿qué sé yo?: un portazo, la caída de un objeto, un estornudo, el estallido de una mina... y pudiese siempre desarrollarse a través de series sonoras, sean procedentes del hombre, como la palabra, sean de los objetos o la naturaleza. Naturalmente, la palabra debería bastar para delinear con claridad los caracteres, de la misma forma que de los ruidos debería nacer con claridad la atmósfera, esto es, la puesta em scena de los diálogos...”

O rádio e a literatura têm proporcionado momentos de extrema beleza história afora, inclusive sendo cúmplices um do outro. É essa cumplicidade e “invasão” de uma linguagem na outra – a transmutação de linguagem –, uma reinterpretação dos enunciados literários como enunciados radiofônicos, as fraturas e fragmentações desse processo, que dão importância científica e necessidade de pesquisas aprofundadas ao tema.

Os textos literários estão necessariamente predispostos às fraturas e fragmentações, quando adaptados, pois não foram preparados originalmente para o áudio, daí as adequações neste novo veículo. Também consideramos que não há uma fórmula para a reconstrução do texto literário em texto radiofônico, o que marca essa trajetória é a sensibilidade do adaptador em observar as marcas de determinado autor, aquilo que está subjacente, metaforizado. Segundo Hilliard (2000),

“La radio no está limitada por lo que se pueda mostrar a la vista. Mediante la combinación de efectos de sonido, música, diálogos, e incluso, silencio, el escritor puede desarrollar una estampa en la mente de su auditorio, que sólo la imaginación del radioescucha podría limitar. La radio le da al guionista total libertad de tiempo y espacio. No hay barreras para el escenario o los movimientos. Pueden crearse infinitas formas de acción física y, durante el breve instante de un puente musical, transcurrirán minutos o siglos por las galaxias del universo. Antes que hubiera televisión, cuando el drama era el principal producto de la radio, los escritores pusieron la mesa do lo que vendrían a ser las consentidas de la ciencia ficción para la TV”.

Nos processos de adaptação para o rádio existe um momento curioso e instigante para o adaptador, é aquele em que este já escolheu o texto, percebeu os elementos presentes na obra que a tornam possível de ser adaptada, e o que está entre a linguagem verbal-literária e os demais veículos é uma

nuvem, o limbo, onde o adaptador tentará, de alguma maneira, desenvolver e recriar discursos que até então eram especificamente literários, no entanto, não necessariamente e exclusivamente objeto da literatura. Portanto, o adaptador irá navegar entre a palavra-imagem tentando construir ou reconstruir uma imagem sonora. Esse é o momento em que autores e diretores muitas vezes entram em conflito, pois têm diversas posições de diferentes pontos de vista quanto às suas obras e como e quem toca em seu “objeto sagrado”.

Decididamente não estamos mais em uma época de simplesmente ouvir ou ver passivamente. São tantos os apelos visuais diários que este gênero peculiar de produção no rádio, o radiodrama, pode sugerir ao público e ao mercado, enfim, um novo senso de audição. Nesse sentido, antes de chegarmos ao produto final, a peça terminada e pronta para ir ao ar, passamos por diversas fases no processo de produção, ou seja, a escolha do texto adequado para a linguagem radiofônica; interpretação de atores; processo de produção respeitando as especificidades do veículo como, por exemplo, evitar gravar diálogos longos e com mais de duas personagens, tentar não misturar vozes femininas ou masculinas e, finalmente, uma edição que considere todos esses fatores e conduza o ouvinte para dentro da história esperando o seu desfecho. Esse é o momento em que se dá forma ao produto final, fundindo a gravação das vozes com as trilhas musicais e os efeitos pré-selecionados ou pré-produzidos.

Gostaríamos ainda neste texto de tecer algumas considerações finais sobre os processos de adaptação, nesse sentido apenas ressaltaríamos que, dada a dinâmica e o constante renascer de obras literárias seja no cinema/ televisão ou rádio, acreditamos que as adaptações acima de tudo respeitam o momento em que estão sendo realizadas: às vezes o mais importante é manter a estrutura do texto original, o tempo, o espaço, as personagens, etc.; às vezes, já é mais importante romper e colocar questões atuais que o texto original permite, respeitando o momento histórico de um país, de um

grupo social, enfim, adaptar, como dissemos no início, é uma grande aventura literária construída a partir da imaginação do autor e compartilhada com o adaptador e o público.

Achamos, ainda, oportuno no texto, e aproveitando o tema, esclarecermos as categorias dos diferentes tipos de transmissão radiofônica:

- *Radiodifusão* é o serviço de telecomunicações que permite a transmissão de sons (radiodifusão sonora) ou a transmissão de sons e imagens (televisão), destinado ao recebimento direto e livre pelo público.
- *OC* (ondas curtas) é a modulação em amplitude (AM), cuja portadora está compreendida na faixa de frequência de 5.950 kHz até 26.100 kHz. A outorga para execução dos serviços de Radiodifusão OC será precedida de um processo licitatório, observadas as disposições legais e regulamentares.
- *OM* (ondas médias) é a modulação em amplitude (AM), cuja portadora está compreendida na faixa de frequência de 535 kHz até 1.650 kHz.
- *OT* (ondas tropicais) é a modulação em amplitude (AM), cuja portadora está compreendida na faixa de frequência de 3.200 kHz até 5.060 kHz.
- *FM* (modulação em frequência) é o tipo de modulação que modifica a frequência da onda portadora.
- *Educativa* é a estação radiodifusora que realiza transmissão sem fins comerciais, sendo vedada inserção de publicidade.
- *Rádio Comunitária* é um tipo especial de emissora de rádio FM, de alcance limitado a, no máximo, 1 km a partir de sua antena transmissora, criada para proporcionar informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades. Trata-se de uma pequena estação de rádio, que dará condições à comunidade de ter um canal de comunicação inteiramente dedicado a ela, abrindo oportunidade para divulgação de suas idéias, manifestações culturais, tradições e hábitos sociais. A Rádio Comunitária deve divulgar a cultura, o convívio social e eventos locais; noticiar os aconteci-

mentos comunitários e de utilidade pública; promover atividades educacionais e outras para a melhoria das condições de vida da população. Uma Rádio Comunitária não pode ter fins lucrativos nem vínculos de qualquer tipo, tais como: partidos políticos, instituições religiosas, etc. Como deve ser a programação de uma Rádio Comunitária? A programação diária de uma Rádio Comunitária deve conter informação, lazer, manifestações culturais, artísticas, folclóricas e tudo aquilo que possa contribuir para o desenvolvimento da comunidade, sem discriminação de raça, religião, sexo, convicções político-partidárias e condições sociais. Deve respeitar sempre os valores éticos e sociais da pessoa e da família e dar oportunidade à manifestação das diferentes opiniões sobre o mesmo assunto. É proibido a uma Rádio Comunitária utilizar a programação de qualquer outra emissora simultaneamente, a não ser quando houver expressa determinação do governo federal. Não pode, em hipótese alguma, inserir propaganda comercial, a não ser sob a forma de apoio cultural, de estabelecimentos localizados na sua área de cobertura.

Uma outra questão importante que gostaríamos de salientar sobre o radiodrama é a capacidade educativa que o veículo possui, a um custo razoavelmente barato, com uma agilidade incomparável aos demais veículos de comunicação, inclusive as mídias digitais, e ainda a facilidade com que pode-

mos ouvir o rádio, dirigindo, andando, trabalhando, etc. A televisão, o cinema e a Internet são por demais egoístas, exigem muito do público, principalmente a visão.

O radiodrama, na educação, pode ser uma ferramenta extremamente importante para passar conhecimento, cultura e entretenimento, inclusive a deficientes visuais, além de, no caso de adaptações, e para uma sociedade que lê pouco, conseguir levar grandes clássicos da literatura ao conhecimento do grande público. O radiodrama pode ser uma mola mestra no processo educativo e não apenas em rádios comerciais, mas principalmente em rádios com preocupação com a educação e a cultura.

As rádios educativas têm muita história no Brasil, o próprio Edgard Roquette-Pinto, nos anos 20, defendia o papel educativo e cultural nas transmissões. Acredito, portanto, que o rádio brasileiro atual deveria voltar a cumprir esse papel, primordial para a construção da cidadania e o Estado de direito, pois, diferentemente da televisão, que ainda passa por um processo de consolidação em seu papel educativo e cultural, o rádio já tem mais experiência acumulada e talentos reconhecidos historicamente, o que pode vir a transformar também, via rádio, todo um senso de audição, criando outro relacionamento entre o ouvinte e o veículo, que, seja qual for a tecnologia que utilizarmos, sem criatividade, sem talento e sem ética, apenas repetirá fórmulas que não condizem com a dimensão que o veículo assume cada vez maior no mundo atual.

BIBLIOGRAFIA

- BALSEBRE, Armand. *El Lenguaje Radiofónico*. Madrid, Cátedra Signo e Imagem, 2000.
- BARBERO, Raúl E. *De La Galena al Satélite*. Montevideo, Ediciones de la Pluma, 1995.
- HILLIARD, Robert L. *Guionismo para Rádio, Televisão y Nuevos Medios*. Madrid, Thomson Learning, 2000.
- MARTINS, Fábio. *Senhores Ouvintes, no Ar... A Cidade e o Rádio*. Belo Horizonte, Editora c/Arte, 1999.
- ORTIZ, Miguel Ángel & VOLPINI, Federico. *Diseño de Programas em Radio — Guiones, Géneros y Fórmulas*. Barcelona, Ediciones Paidós, 1995.
- PERSONAGEM PROCURA RADIOATOR. Direção das Adaptações: Antonio Adami. Fundação Padre Anchieta/Senac. 8 Radiocontos adaptados de Machado de Assis, 1999/2000.